

União solidária de todos os países: *Uní-vos!*



AVANTE!

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA (S.P.I.C.)

Neste momento particularmente grave para a vida do nosso povo, o «AVANTE», ao recommear a sua publicação, saúda os heróicos militantes comunistas, os lutadores anti-fascistas e todos os patriotas sinceros. A todos promete continuar combatendo incansavelmente pelo bem estar do nosso povo. Para todos vai o grito de alarme: Portugueses! Unidos pelo Pão, pela Liberdade e pela defesa da independência ameaçada! Unidos e prontos para a luta! Fora com o govêrno de traição nacional! Por um Portugal independente!

Salazar prepara a entrega de Portugal!

O perigo de guerra mundial agravou-se dia a dia. Por todo o mundo os povos se preparam para a defesa contra o fascismo agressor.

Portugal, pequeno país que tem uma posição importantíssima para a estratégia duma guerra mundial, será inevitavelmente envolvido nela, se as forças de paz não mantiverem em respeito os estados agressores. No entanto, «oficialmente», tudo se passa em Portugal como se vivêssemos num período de perfeita tranquilidade. A nossa fronteira continua desguarnecida, o nosso exército continua sem armas e sem exercícios, as nossas cidades continuam desprotegidas contra qualquer ataque. Apregoa-se ao povo português que nenhum perigo o ameaça, e — o que é mais grave ainda — uma campanha de «rotinismo» e de capitulação se desenvolve surdamente entre a população e entre a força armada, tendente a desarmar moralmente a Nação.

Tudo isto visa a entregar Portugal, sem resistência, nas mãos do fascismo internacional. Esta é a linha geral da política de Salazar, que desde há muito vem preparando a traição.

O Partido Comunista Português tem sempre denunciado a política anti-nacional de Salazar e, concretamente, a propósito da guerra de Espanha, há mais de dois anos que vem indicando ao povo português as consequências fatais da criminoso política praticada pelo govêrno da ditadura. **As previsões do nosso Partido são hoje confirmadas pelos factos. Esses factos mostram que a política defendida pelo nosso Partido era a única que realmente defendia os interesses da Nação.**

Eis o que dissemos:

Em Janeiro de 1937 («AVANTE» n.º 27) — «Portugal está em perigo! Salazar quer levá-lo para a guerra! Quer fazer d'ele uma colónia alemã, como já o é hoje parte da Espanha e Marrocos espanhol!»

Em Fevereiro de 1937 («AVANTE» n.º 28) — «Os fins da Alemanha são claros: ela pretende dominar em toda a península e em Marrocos com fins económicos e com o objectivo estratégico de cercar a França para melhor a poder atacar, fazendo explodir uma guerra a que Portugal será inevitavelmente arrastado.

A vitória de Hitler na península poria, portanto, em perigo a independência de Portugal e a existência do «império colonial» de que a ditadura, com fins demagógicos, tanto tem falado.

A POLÍTICA DE AUXÍLIO A FRANCO, LAGAIO DE HITLER, E, POIS, CONTRÁRIA AOS INTERESSES DA NAÇÃO.»

Em Março de 1937 («AVANTE» n.º 30) —

«... a independência de Portugal está ameaçada, porque a vitória dos serventuários de Hitler em Espanha é o primeiro passo para a dominação alemã em toda a Espanha e nas colónias portuguesas.» («AVANTE» n.º 31) — «... a atitude «independente» de Portugal é ditada pela Alemanha e pela Itália, a que Salazar está enfeudando a independência de Portugal.

A existência duma Espanha livre na península Ibérica é a mais segura garantia da nossa independência.»

Em Maio de 1937 («AVANTE» n.º 36) — «Salazar, sob o pretexto de defender o país do comunismo, colocou Portugal sob a tutela da Alemanha e da Itália e tornou-se instrumento da política de Hitler.»

Salazar sabe que o triunfo do fascismo em Espanha significa a perda da nossa independência, mas Salazar, o traidor n.º 1 da Nação portuguesa, faz tudo para que esse nosso inimigo mortal triunfe.»

Eis o que vemos hoje:

Hitler e Mussolini, com a cumplicidade de Franco, assenhoriaram-se da Espanha. Fim da guerra; as tropas alemãs e italianas continuam ocupando o território da nação vizinha. Ao mesmo tempo, os dois ditadores fascistas, de comum acôrdo, fazem ocupar pela força vários pequenos países que, pelos seus recursos económicos ou pela sua posição estratégica, lhes são necessários para a guerra que preparam. Portugal é precisamente um país pequeno e desarmado, constituindo hoje uma posição estratégica de primeira ordem. Os técnicos militares alemães (segundo o relatório do general von Reichenau) consideram que lhes é indispensável obter a submissão pacífica de Portugal ou fazê-lo ocupar violenta-

mente pelas tropas italo-alemãs concentradas em Espanha.

A par disto, Salazar continua a prodigalizar amabilidades e concessões à Alemanha nazi, à Itália fascista e à Espanha de Franco, isto é, aos mais perigosos inimigos da nossa independência; Salazar esconde sistematicamente ao povo português os perigos que ameaçam a integridade e a independência da Nação.

A traição aparece hoje com clareza, mesmo para os mais ingenuos. Salazar prepara a entrega de Portugal ao eixo Berlim-Roma, sabotando a defesa nacional e fazendo crer, pelas declarações oficiais, que nenhum perigo nos ameaça, ao mesmo tempo que, à sucapa, vai lançando a ideia de que é inútil resistir a uma ocupação de Portugal. Salazar pretende desarmar a Nação material e moralmente.

Mas o povo português quer que Portugal viva como nação livre e independente. O povo português, ao contrário dos traidores que assaltaram o poder, é amigo da Paz e inimigo dos saltadores fascistas que pretendem assenhorear-se do mundo. Assim o manifestou a população de Lisboa aclamando nos marinheiros franceses a Frente da Paz e da Liberdade e recebendo hostilmente os enviados de Hitler, mensageiros da guerra e da servidão.

O povo português resistirá a qualquer tentativa de invasão e repeli-la-á. O povo português responderá ao apêlo do Partido Comunista para a organização da Frente Nacional de luta pela Liberdade e pela Independência de Portugal. O povo português organizará em cada cidade, em cada vila, em cada aldeia, um baluarte de resistência à barbárie fascista, ao imperialismo do eixo Berlim-Roma. O povo português esmagará implacavelmente os traidores que pretendem entregá-lo aos inimigos.

Vaga de despedimentos em massa

O fascismo apregoa constantemente a felicidade do povo sob o regime corporativo e afirma com a maior desfaçatez a existência, em Portugal, duma protecção aos trabalhadores assegurada, em primeiro lugar, pelo Estado.

Pois esse mesmo «protector» dos trabalhadores acaba de lançar para o desemprego algumas centenas de operários do Arsenal de Marinha. Uma parte d'êles tinha mais de dez anos de casa e portanto quasi já com direito a reforma, para a qual tem descontado uma parte do salário.

Além de ir aumentar a cifra, já elevada, dos desempregados, o despedimento dos melhores operários do Arsenal de Marinha vai prejudicar a defesa nacional.

Despedimentos em massa no Arsenal, despedimentos em massa na C.U.F., na Parceria. Tal é a «protecção» aos trabalhadores de que falam Salazar e os seus caixeiros viajantes.

Trabalhadores do Arsenal de Marinha: Ide em massa junto das autoridades e protestai contra o vosso despedimento! Mostrai aos fascistas que não estais dispostos a deixas os vossos filhos e vossas companheiras morrer de fome! Desmarcari por toda a parte o fascismo como o pior inimigo dos trabalhadores!

Trabalhadores da C.U.F.: continuai a vossa luta contra os despedimentos! Formai comissões e protestai junto dos dirigentes do corporativismo. E'les são os responsáveis pela vossa situação. Não sendo atendidos, ide aos ministérios e aos jornais e manifestai-vos!

A vida sob o fascismo Salazarista

A miséria nos campos

SERPA — Serpa é uma região essencialmente agrícola, onde predomina o regime de grande propriedade. Os camponeses são, portanto, na quasi totalidade, assalariados e não possuem a minima porção de terra.

O trabalho na região não é certo. Só há trabalho durante as mondas, as ceifas e a apanha da azeitona.

Durante as mondas — Fevereiro, Março e Abril — os homens ganham 6500 e as mulheres de 3 a 4500. As mondas seguem-se em intervalo de dois meses sem trabalho. Durante este período, a grande maioria da população trabalhadora alimenta-se com favas, que abundam nesta região. Este ano a fome foi tanta que os proprietários deram ordem aos seus criados para não impedirem os trabalhadores de levarem favas. Mas uma comida de favas necessita, entre outros temperos, de azeite. Não tendo dinheiro, nem crédito, os trabalhadores rurais comiam as favas cozidas e apenas temperadas com sal.

As ceifas dão cerca de dois meses de trabalho. Os salários sobem então a 10500 e 12500 para os homens e 7 a 8500 para as mulheres; mas em contrapartida o número de horas de trabalho aumenta, chegando a trabalhar-se catorze horas.

Acabadas as ceifas, paraliza de novo o trabalho, desde Agosto até Dezembro. Este período é muito pior que o que vai das mondas às ceifas, em virtude de não haver nada nos campos que os trabalhadores vão buscar para comer. O desemprego e a consequente miséria atingem então aspectos confrangedores. Os proprietários, depois de metidas as colheitas nos celeiros, vão para as praias e para os casinos gastar o dinheiro que, à custa de tantos sacrifícios, foi ganho por aqueles que ficaram na terra sem trabalho e sem pão. São filas intermináveis de velhos e crianças a pedir esmola de porta em porta; são homens válidos pedindo de monte em monte, a guerrear com os cães.

Depois vem a apanha da azeitona — se a há (este ano houve pouca). Nesta altura os salários são 7500 para os homens e 4500 para as mulheres. Quando há muita azeitona, o trabalho dura dois meses; se há pouca, aumenta o tempo de vida angustiosa dos trabalhadores.

De vez em quando, grupos de trabalhadores vão procurar o presidente da Câmara pedindo-lhe trabalho. Sua Excelência responde-lhes que esperem, que esperem. E se algum fala mais que a conta, é espancado bárbaramente.

A Casa do Povo, que tem um número de sócios pequeno, só dá trabalho a uns dez ou vinte homens. Os outros são enganados com promessas pelos dirigentes da Casa do Povo ou ameaçados com a prisão se manifestam a sua impaciência. Esses dirigentes respondem frequentemente com esta frase: «quem sabe se os trabalhadores necessitam de trabalho

assim, com um regime de trabalho de sol a sol pelos mesmos 11500.

sentindo-se lesados, suspenderam o trabalho e dirigiram-se aos escritórios da Sociedade Italo-Portuguesa, para reclamarem o cumprimento do contrato ou um aumento de salário correspondente ao aumento do número de horas de trabalho.

MOGADOURO — É insuportável a vida de miséria nesta região. Nesta época em que há trabalho, os operários agrícolas recebiam nos anos anteriores uma jorna de 12500. Este ano com dificuldade se chega aos 6500 e há muitos trabalhadores que nem mesmo assim arranjam trabalho. Nunca se viu tanta miséria, que já vai chegando também aos pequenos proprietários. As vitelas de quatro a seis meses, que se vendiam a 500 e 600 escudos, não se vendem agora por mais de 100. Os bois e as vacas passaram de dois contos para trezentos escudos. O vinho, que é uma das riquezas desta região, entrou numa crise pavorosa desde que o governo criou a Junta Nacional do Vinho. O vinho desta região, que se vendia a 30500 o almude, não consegue preço superior a 7500, e mesmo assim faltam os compradores. A maior parte da colheita de 1937 ainda está nas adegas e muito d'êla já estragada. A crise é tal que os proprietários não têm dinheiro para pagar as contribuições nem para comprar materiais para o amanho das terras.

Não se fazem transacções, porque nas feiras só aparece gente para vender e ninguém para comprar.

ALTER DO CHÃO — É enorme a crise que atinge esta rica região agrícola. Há centenas de trabalhadores sem terem que fazer e os lavradores mandam-nos para a Câmara, dizendo que pagaram as derramas para que a Câmara lhes desse trabalho. O presidente da Câmara defende-se dizendo que não tem ainda ordem do governo para começar os trabalhos e quem paga tudo isto são algumas centenas de famílias de trabalhadores, que passam muitos dias sem terem um bocado de pão para comer.

CRATO — A crise agrícola é affitissima, estando muitas famílias sem trabalho desde Agosto passado. A apanha da azeitona não melhorou a situação, porque a novidade foi pouca, tendo ocupado poucos braços. Os salários foram quasi todos inferiores a 5500 e agora, como os lavradores se queixam de falta de dinheiro, por não fazerem negócio, muitos d'êles não fazem mondas, ou quando muito fazem umas mondas ligeiras, para tirarem aservas mais daninhas.

Apesar de a Câmara prometer trabalhos públicos há uns poucos de meses, a verdade é que nunca mais começam.

O corporativismo na prática

A "Sociedade Italo-Portuguesa de Construção e Reparação de Pavimentos", adjudicatária da empreitada da auto-estrada de Lisboa a Cascais, tinha contratado cerca de 500 trabalhadores para essa construção. Os salários foram fixados em 11500 e a jornada de trabalho nas oito horas legais. Como, porém, o governo quizesse que a construção fosse feita mais rapidamente do que estava previsto do caderno de encargos, resolveu-se pedir ao Tribunal do Trabalho a anulação da cláusula do contrato relativa ao horário de trabalho. O Tribunal autorizou essa anulação e não estabeleceu, em compensação, nenhum aumento de salário. Os trabalhadores ficaram,

assim, com um regime de trabalho de sol a sol pelos mesmos 11500.

Embora a sua atitude fôsse perfeitamente ordeira, esperava-os na Parede (sede da Sociedade) uma companhia da Brigada de Assalto do Governo Civil, de metralhadoras astedadas.

Trinta trabalhadores foram presos e os restantes obrigados a trabalhar segundo as con-

Como vivem os pescadores

EM SINES

A vida dos pescadores portugueses é o cúmulo da miséria e do infortúnio. Estes heróis anónimos chegam a perder a vida, quando é certo que a sua intenção é governá-la. E sabeis o que perguntam os patrões quando lhes comunicam um naufrágio? Apenas isto: E o barco perdeu-se?

A remuneração dos pescadores de Sines é a seguinte:

Armações à Valenciana — Estas matriculam os seus pescadores a 1750 diários. Além disso, têm o chamado «quinhão», que lhes dá uma média de 580 diários, presentemente. Se apanham peixe, dão-lhes mais 10500 pelos primeiros 1.000 escudos que o patrão ganhar. Se apanharem peixe no valor de muitos contos, não recebem mais nada além do que dissemos acima.

Pescadores de anzol — Não têm salário. Vão para o mar ainda o Sol se não escondeu e só voltam no dia seguinte, quando voltam, e muitas vezes sem o suficiente para um pão. Se trazem escassa pesca, além de perderem o que lhes custaram as iscas, caem-lhe em cima os agentes do fisco como cães esfaimados. São inúmeras as vezes que vão para os seus tugúrios sem um só centavo e cheios de fome.

O trabalhador do mar não tem assistência alguma. Adoece, morre a um canto, porque o hospital de Sines só pode receber os que pagam. É um estabelecimento de luxo; não pode servir os pobres.

Os pescadores em luta pelo pão

A praia de Cascais tem vivido nos últimos tempos um ambiente de luta. A população piscatória, que já vivia na mais negra miséria, foi mais uma vez atacada nos seus interesses pelos representantes do grande capital, o grémio dos armadores de pesca da sardinha.

Existem aqui quatro cercos de pesca à Valenciana, que empregam cerca de 150 pescadores, a maior parte vindos do Algarve, Figueira da Foz e norte do país.

Os pescadores ganhavam 2500. Cada companhia tinha dois cabazes de peixe que podia vender, dividindo o dinheiro entre si. Além disso, recebiam 15 por cento da rodada e igual percentagem nas vendas. Os cinco homens que levavam o peixe para Lisboa levavam também os cabazes que pertenciam à companhia e vendiam-nos.

Mas o grémio opoz-se a isso. Só êle tinha direito a vender peixe. E os pescadores, que já não podiam viver com os salários que recebiam, revoltaram-se. Apresentaram as suas reclamações, modestas em relação ao custo da vida, mas que os patrões acharam exageradas. Essas reclamações foram as seguintes: 6500 de salário diário, 30 por cento nas vendas, dois cabazes de peixe para alimentação da companhia, 100500 para os cinco homens que levam o peixe para Lisboa — em vez dos dois cabazes que lhes é proibido venderem — ou 50500 quando o peixe fiquer em Cascais.

Estas justissimas reclamações foram rejeitadas pelos patrões e a «Casa dos Pescadores», que tinha obrigação de defender os interesses dos pescadores, poz-se a reboque do grémio, traíndo a sua missão.

Mais de 100 pescadores abandonaram Cascais, seguindo muitos a pé para as suas terras, que distam centenas de quilómetros de Cascais.

dições de trabalho exigidas pela Sociedade e pelo Governo.

Tal é, na prática, a protecção que o corporativismo dispensa aos trabalhadores. Tal é, na prática, a «liberdade de trabalho» apreçoada no Estatuto Nacional do Trabalho.

O XVIII Congresso do Partido Comunista da U.R.S.S.

A felicidade do povo

por G. RYKLIN

No Congresso dos bolcheviques não há oradores impassíveis e não há auditório indiferente. Todos estão aqui tomados duma alta e nobre emoção que é a origem viva da criação.

Os discursos dos oradores neste Congresso histórico são ardentes. Cada intervenção é cheia de paixão bolchevique. A fonte desta paixão é o amor do homem, é a preocupação stalinista de assegurar a felicidade do povo.

Nos dias que precederam o Congresso, numa reunião do partido organizada numa fábrica de Moscovo, um velho operário usou da palavra: «De que falam as teses dos relatórios ao Congresso do Partido?» disse ele. Calou-se um instante, pôs os óculos. Olhou atentamente para o auditório. «De vós, camaradas, e de vós que falam, de nós todos. Da felicidade do povo». O velho operário bolchevique exprimiu o pensamento, as aspirações, e estado de alma de todos cidadãos soviéticos.

Pela felicidade do povo! Cada palavra no informe de Staline está impregnada desta preocupação. Pela felicidade do povo! Tal é o conteúdo essencial das intervenções dos delegados ao congresso.

Elas falam da educação comunista, do reforço da capacidade de defesa da URSS, da luta contra os inimigos, das colheitas, do petróleo, do cobre, do algodão, e das universidades. Não é a isso que se chama cuidar da felicidade do povo? Esta preocupação da felicidade do povo aparece em cada discurso; nas palavras de Krouchtchev consagradas à literatura ucraniana, à arte, ao aniversário do grande poeta ucraniano Chevtchenko; nos discursos de Chkirtatov que falou da depuração dos organismos do Partido e das instituições soviéticas dos traidores e dos eselizados; no magistral discurso de duas horas de Clemente Vorochilov que com tanta inspiração e amor fez desfilar o quadro da força e do poder do Exército Vermelho; na intervenção de Tcharkviani, delegado da Geórgia, que falou ao Congresso de milibóndio, de chá, de limões e de uvas. E com pequenos tijolos que se constroem grandes e belos edifícios. E com pequenas notas esparsas que se criam as mais belas melodias. Os bolcheviques não desprezam essas pretendidas «miudezas». Pequenas e grandes cousas formam a enorme riqueza do país dos Soviéticos.

E do alto da tribuna do XVIII Congresso do Partido, os maiores políticos da URSS, os dirigentes do Partido e do governo, falam dos mais profundos problemas teóricos, dos mais importantes problemas da política internacional e interior, e também... de chá e de chouriços.

Nesta conformidade, o discurso pronunciado na sessão de 13 de março à noite, por Mikoyan, é característico. Este discurso brilhante pela forma e profundo pelo sentido foi ouvido pelo congresso com a maior atenção e muitas vezes interrompido por vivos aplausos. Mikoyan começou o seu discurso por grandes generalizações teóricas e passou logicamente às «bagatelas» da vida quotidiana. Uma cousa está intimamente ligada à outra e só tem um nome: a preocupação da felicidade do povo.

Mikoyan falou de uma forma cativante da «desgraça» de numerosas donas de casa: torna-se cada vez mais difícil encontrar uma criada para os trabalhos domésticos. Esta «desgraça» é a felicidade do povo soviético. O país tornou-se rico, os homens querem trabalhar, estudar verdadeiramente, ninguém quer fazer o trabalho doméstico. É preciso reorganizar radicalmente a nossa vida.

Mikoyan falou dos tecidos, das malhas, e do calçado. Os inimigos do povo, os infames sabotadores, tinham-se apoderado da indústria ligeira. Agora homens novos, honestos e energéticos, levantam estes ramos da indústria.

Do informe do camarada Stáline

A nova guerra imperialista tornou-se um facto.

Mas não é fácil, na nossa época, desfazer de um só golpe todos os obstáculos e arrojá-los para uma guerra, sem contar com toda a espécie de tratados nem com a opinião pública. Os políticos burgueses sabem-no bem. Os dirigentes fascistas não o sabem menos bem. E por isso que, antes de se atirar para a guerra, decidiram trabalhar, de uma certa forma, a opinião pública, isto é, induzi-la em erro, enganá-la.

Um bloco militar da Alemanha e da Itália contra os interesses da Inglaterra e da França na Europa? Nada disso, não se trata de um bloco! «Nós» não temos nenhum bloco militar. «Nós» temos quando muito um inocente «eixo Berlim-Roma», ou seja, uma certa forma geométrica em relação com o eixo. (risos).

Um bloco militar da Alemanha, da Itália e do Japão contra os interesses dos Estados Unidos, da Inglaterra e da França no Extremo-Oriente? Nunca! «Nós» não temos nenhum bloco militar. «Nós» temos quando muito um inocente «triângulo Berlim-Roma-Tóquio», isto é, uma ligeira predileção pela geometria. (hilariedade)

A guerra contra os interesses da Inglaterra, da França e dos Estados Unidos? Asneiras! «Nós» fazemos a guerra ao Komintern, e não a esses Estados. Se não quiserem acreditar-nos, leiam o «pacto anti-komintern» concluído entre a Itália, a Alemanha e o Japão.

E assim que os senhores agressores pensavam trabalhar a opinião pública, apesar de não ser difícil ver que toda esta desageitada comédia de disfarce estava cosida com linha branca. Porque seria ridículo procurar «focos» do Komintern nos desertos da Mongólia, nas montanhas da Etiópia e nas brenhas do Mairócos espanhol. (risos)

Mas a guerra é inexorável. Não há veus que possam dissimular. Porque não há «eixo», «triângulo» e «pactos anti-komintern» capazes de dissimular o facto de durante este tempo o Japão se apoderar de um imenso território na China, a Alemanha tomar a Austria e a região dos sudetas, e a Alemanha e a Itália juntas tomarem a Espanha. Tudo isto contra os interesses dos Estados não agressores. A guerra continua a ser a guerra; o bloco militar dos agressores um bloco militar e os agressores continuam a ser agressores.

A nova guerra imperialista tem a característica que ainda não se tornou numa guerra geral, numa guerra mundial. Os Estados agressores fazem a guerra lesando de todas as formas os interesses dos Estados não agressores e, em primeiro lugar, os da Inglaterra, da França e dos Estados Unidos, que recusam e se dobram, fazendo aos agressores concessões sobre concessão.

Desta maneira, assistimos a uma nova partilha do mundo e das zonas de influência à custa dos interesses dos Estados não agressores, sem nenhuma tentativa de resistência da parte deles.

Isto é inacreditável mas é um facto. Como explicar este carácter unilateral e estranho da nova guerra imperialista?

Como pode ser que Estados não agressores, dispondo de imensas possibilidades, tenham renunciado com tanta facilidade e sem resistência aos seus compromissos para agradar aos agressores?

O motivo não estaria na fraqueza dos Estados não agressores? Evidentemente que não! Os Estados democráticos não agressores, tomados em conjunto, são incontestavelmente mais fortes que os estados fascistas, tanto sob o ponto de vista económico como militar.

Como explicar então as concessões que es-

tes Estados fazem sistematicamente aos agressores?

Poder-se-ia explicar isto, por exemplo, pelo receio da revolução, que pode rebentar se os estados não agressores entrarem em guerra e se a guerra tomar um carácter mundial. Certamente, os políticos burgueses sabem que a primeira guerra imperialista mundial conduziu a vitória da revolução num dos maiores países.

Eles temem que a segunda guerra imperialista mundial conduza igualmente a vitória da revolução num ou em vários países.

Mas por agora não é esse o único nem mesmo o motivo principal. O principal motivo é a renúncia da maioria dos países não agressores, em primeiro lugar da Inglaterra e da França, à política da segurança colectiva, à política da resistência colectiva aos agressores; e que esses países passaram a posições de não intervenção, de neutralidade.

Formalmente, poder-se-ia caracterizar a política de não intervenção da seguinte forma: «Que cada país se defenda contra os agressores como quizer e como puder; isso não é conosco, nós faremos comércio tanto com os agressores como com as suas vítimas.» Ora, na realidade, a política de não intervenção denuncia a complacência com a agressão, o desencadeamento da guerra, por consequência, a sua transformação em guerra mundial. A política de não intervenção denuncia a vontade, o desejo de não incomodar os agressores na sua sinistra tarefa, de não impedir por exemplo, que o Japão se empenhe numa guerra com a China, ou melhor ainda, com a União Soviética; de não impedir, digamos, a Alemanha de se embrenhar nos negócios europeus; de se empenhar numa guerra com a União Soviética; de deixar os países beligerantes enterrar-se no charco lodoso da guerra; de os encorajar a sucupar; de deixá-los enfraquecer-se e esgotar-se mutuamente, e depois, quando estiverem suficientemente enfraquecidos, entrar em cena com forças frescas, intervir naturalmente «no interesse da paz» e ditar as condições aos países beligerantes enfraquecidos.

Isto não é muito difícil de compreender. E não é mais que isto!

Tomemos por exemplo o Japão. Coisa característica: já antes da sua invasão na China do norte, todos os jornais franceses e ingleses influentes clamavam em todos os tons que a China era fraca, incapaz de resistir; que o Japão poderia, com o seu exército, subjugar a China em dois ou três meses. A seguir, os políticos da Europa e da América puzeram-se à espera, a observar. Quando, mais tarde, o Japão desenvolveu as suas operações militares, cederam-lhe Xangai, o coração do capital estrangeiro na China. Cederam-lhe Cantão, o foco da influência exclusiva da Inglaterra na China meridional; cederam-lhe Hainam; deixaram-no bloquear Hong-Kong. Não será verdade que tudo isto se assemelha a um encorajamento ao agressor; por outras palavras, compromete-te mais a fundo na guerra, e depois veremos?

Ou então vejamos a Alemanha. Cederam-lhe a Austria, apesar do compromisso de defenderem a sua independência; cederam-lhe a região dos sudetas; abandonaram a Checo-Eslováquia à sua sorte, violando todos os compromissos. Depois, puzeram-se a mentir estrondosamente na imprensa acerca da «fraqueza do exército russo», da «decomposição da aviação russa, das «desordens» na União Soviética, atirando com os alemães mais para leste, prometendo-lhes uma presa fácil e dizendo-lhes: comecem a guerra com os bolcheviques, que o resto irá bem. Tem que se reconhecer que tudo isto se parece muito com uma excitação, com um encorajamento ao agressor.

Continua na página 4

Progressos da União Soviética durante o 2.º plano quinquenal

Do informe do camarada Molotof

Os transportes ferroviários alcançaram e excederam o seu plano quinquenal em quatro anos. O plano de elevação do nível material e cultural dos trabalhadores e o aumento de duas vezes do consumo geral do povo foram igualmente cumpridos.

A produção de artigos de grande consumo duplicou durante estes últimos anos. Tendo o número de operários e de empregados aumentado 18 por cento, a base dos salários, em toda a economia nacional, aumentou 151 por cento contra 55 previstos previstos no segundo plano quinquenal. O SALÁRIO REAL DOS OPERÁRIOS AUMENTOU 101 POR CENTO durante o segundo plano quinquenal.

As despesas do Estado com os serviços culturais operários e camponeses, isto é, com a instrução pública e a protecção da saúde pública, passaram de 4,3 a 14 bilhões de rublos.

Os rendimentos em dinheiro dos kolkozos durante os anos do segundo plano quinquenal passaram de 4.600 milhões a 14.200 milhões de rublos, ou seja, um aumento de mais do triplo. Um dos indícios do bem estar crescente da população é, entre outros, o aumento dos depósitos nas caixas económicas, que passaram de 1 bilhão a 4,5 bilhões de rublos.

Os factos seguintes demonstram a elevação do nível cultural da população. O número de alunos nas escolas primárias e secundárias passou de 21,3 milhões a 29.400.000. O número de estudantes nas universidades atinge 550.000. CONTAMOS NAS NOSSAS UNIVERSIDADES MAIS ESTUDANTES QUE A ALEMANHA, A INGLATERRA, A FRANÇA, A ITÁLIA E O JAPÃO REUNIDOS.

A cadência mais rápida no desenvolvimento cultural verificou-se nas repúblicas da Kirghizia, Kasakhia, Turkménia, Tadjikia, Uzbequia, isto é, entre os povos do oriente soviético.

No domínio comercial, conseguimos sucessos apreciáveis durante os anos do segundo plano quinquenal. O movimento do comércio do Estado e das cooperativas passou de 40 a 126 bilhões de rublos.

Os sucessos do segundo plano quinquenal não vieram por si. Conseguimos-os numa luta obstinada, vencendo numerosas dificuldades. Os restos das classes exploradoras eram obstáculos no nosso caminho. Agarravam-se às suas posições, mas foram completamente varridos. Contudo, tendo batido o inimigo de classe no interior do país, ainda não retirámos da ordem do dia a questão da luta contra os inimigos de classe.

Enquanto a União Soviética estiver rodeada pelo mundo capitalista, não nos poderemos libertar da obrigação de lutar contra ele, de lutar contra os seus manejos renovados sem cessar contra o poder soviético, contra a U.R.S.S.

AUMENTAMOS A PRODUÇÃO GLOBAL DA AGRICULTURA EM 51 POR CENTO DURANTE O SEGUNDO PLANO QUINQUENAL.

Quanto à produção de cereais, a nossa agricultura cumpriu com sucesso a tarefa que lhe foi indicada por Stáline em 1937: obter uma colheita de 7.340 milhões de puds. A tarefa do segundo plano quinquenal foi excedida quanto aos cereais. Também a tarefa fixada para a colheita do algodão foi excedida: de 78 milhões de puds atingiu 157 milhões. Quanto à beterraba sacarina, a produção passou de 66 a 219 milhões de quintais. O rendimento da criação de gado aumentou em 54 por cento.

Na mecanização da agricultura alcançaram-se grandes sucessos. O plano de entrega de tractores e ceifeiras-debulhadoras foi excedido. Pelo seu nível técnico e pela sua potência, A NOSSA AGRICULTURA EXCEDE HOJE A DE QUALQUER PAÍS DO MUNDO.

Do discurso do camarada Kaganovitch sobre os transportes ferroviários.

O carregamento médio por dia aumentou de 51.200 vagões em 1933 para 88.000 em 1938 e o movimento de mercadorias de 169.500 milhões de toneladas-quilómetros em 1933 para 369.400 milhões em 1938. O plano quinquenal foi realizado antes do prazo.

Durante estes anos construímos muito. Puzemos em serviço cerca de 5.000 quilómetros de novas linhas de caminhos de ferro, mais de 8.000 de via dupla, compreendendo Karimskaja-Khabarovsk; cerca de 5.000 quilómetros de antigas vias foram reconstruídas e 100.000 quilómetros de vias sofreram grandes e médias reparações. RECEBEMOS MAIS DE 6.000 NOVAS PODEROSAS LOCOMOTIVAS E 186.000 NOVOS VAGÕES.

Durante o período entre o XVII e XVIII Congressos, o bem estar material dos ferroviários aumentou. O fundo geral do salário dos ferroviários passou de 3.100 milhões em 1933 para 9.100 milhões em 1938. Um maquinista de comboio de viajantes ganha em média 1.042 rublos, em vez de 398 em 1933. De 1933 a 1938, 2.400.000 metros quadrados de superfície habitável foram construídos para os ferroviários. De 1934 a 1938, foram construídos para os trabalhadores dos transportes ferroviários: 62 hospitais, 130 policlínicas e enfermarias, 600 maternidades, 143 salas de consultas para mulheres e crianças, 371 sanatórios para crianças.

Do discurso do marechal Vorochilof sobre o Exército Vermelho.

Em França, um corpo de exército pode, num minuto, lançar 51.462 quilos de obuses; na Alemanha, 48.769. Um nosso corpo de exército pode lançar num minuto 66.605 quilos de metralha.

Se juntarmos ao peso dos obuses lançados pela artilharia num minuto o das minas, granadas e balas de espingarda, obteremos uma salva por minuto com os seguintes pesos totais: para um corpo de exército francês, 60.981 quilos; para um corpo de exército alemão, 59.509 quilos; para um nosso corpo de exército, 78.932 quilos.

Os números citados mostram que um nosso corpo de exército, e por consequência todo o nosso Exército Vermelho, não estão em atraso mas, pelo contrário, um pouco em avanço sobre o poder de fogo dos exércitos dos países capitalistas e fascistas.

É voluntariamente que, apesar de os ter em meu poder, não cito os dados referentes aos exércitos japonês, polaco e outros. A sua organização e armamento das suas divisões e corpos de exército não podem de maneira nenhuma ser comparados aos exércitos da Alemanha e da França.

O Comité Central do Partido e o governo, com Stáline à sua frente, todo o Partido e o povo inteiro, exigem que não estejamos em atraso sobre os nossos vizinhos no domínio dos armamentos e do poder defensivo do nosso Estado; e, como vemos, não estamos em atraso, não temos livreto de estar em atraso.

Se, em 1934, toda a nossa frota aérea podia elevar simultaneamente 2.600 ton. de bombas de avião, agora eleva mais 208 por cento. Esta massa de metal mortífero, capaz de ser transportada a imensas distâncias, pode tornar-se um excelente colete de forças soviético para os agressores em delírio se, num acesso de demência, penetrarem no território dos soviéticos. Se em 1934 todas as nossas metralhadoras de avião podiam atirar num segundo um número de tiros avaliado em 100, em 1939 podem atirar 300.

Os serviços culturais de que está dotado o Exército Vermelho aumentaram numa grande proporção, o que teve, bem entendido, uma

Do informe de Stáline

Também é característico o barulho que a imprensa anglo-francesa e americana fizeram a respeito da Ucrânia Soviética. Os representantes dessa imprensa gritaram até enrouquecer que os alemães marchavam contra a Ucrânia Soviética, que tinham agora na mão o que eles chamam a Ucrânia carpática, com uma população de cerca de 700.000 habitantes; que o mais tardar na primavera deste ano reuniriam a Ucrânia soviética, que conta mais de 30 milhões de habitantes, ao que eles chamam a Ucrânia carpática. Parece bem que este barulho suspeito tinha por fim excitar o furor da União Soviética contra a Alemanha, envenenar a atmosfera e provocar um conflito com a Alemanha, sem razão aparente.

É muito possível que haja na Alemanha doídos que sonhem juntar o elefante, isto é, a Ucrânia Soviética, ao mosquito, ou seja o que eles chamam a Ucrânia carpática. E se realmente existem lá destes desequilibrados, podem estar certos que na U.R.S.S. existem coletes de forças em quantidade suficiente para esses doídos. (tempestade de aplausos) Mas se deixarmos de lado os doídos e nos dirigirmos às pessoas normais, não é claro que seria ridículo e estúpido falar seriamente da reunião da Ucrânia Soviética ao que eles chamam Ucrânia carpática? Pensemos um pouco: O mosquito vem ter com o elefante e, de mãos nos quadris, diz-lhe: «Ah, querido irmão, como eu te lamento... Tu dispensas proprietários, capitalistas, opressão nacional, dirigentes fascistas — isso não é vida... Olho para ti e não posso deixar de dizer: a tua única salvação é juntares-te a mim... (hilaridade)»

Anda, vá! Autorizo-te a reunir o teu pequeno território ao meu território imenso...» (hilaridade, aplausos)

Facto ainda mais característico: certos políticos e representantes da imprensa da Europa e dos Estados Unidos, tendo perdido a paciência à espera da «campanha contra a Ucrânia Soviética», começam eles próprios a descobrir o verdadeiro «fundo» da política de não intervenção. Falam abertamente e pondo o preto no branco que os alemães os deixaram cruelmente «desapontados»; porque, em vez de se encaminharem constantemente para longe contra a União Soviética, voltaram-se para oeste — vejam isto! — e reclamam colónias. Poder-se-á pensar que cederam aos alemães as regiões da Checo-Eslováquia para os pagar do compromisso que haviam tomado de começar a guerra contra a União Soviética e que os alemães recusam agora pagar a letra e mandam passear os respectivos sacadores.

Estou longe de querer moralizar sobre a política de não intervenção, de falar de traição, de perfídia, etc. Seria ingenuidade falar de moral a gente que não reconhece a moral humana. A política é política — como dizem os velhos diplomatas burgueses exercitados em negócios. Contudo, é necessário notar que o grande e perigoso jogo político, começado pelos partidários da política de não intervenção, poderá muito bem acabar para eles num sério desastre.

Tal é o verdadeiro aspecto da política de não intervenção que hoje domina.

Tal é a situação política nos países capitalistas.

repercussão favorável sobre o desenvolvimento cultural dos combatentes e de todo o exército. Assim, em 1934, contávamos 15.091 «retiros de Lenine», enquanto que em 1939 temos 261.435.

O número de clubes passou de 1.336 a 1.900 e as casas do Exército Vermelho de 142 em 1934 a 267.

Atualmente as bibliotecas do Exército Vermelho operário e camponês contam um total de 25 milhões de volumes. O Exército Vermelho recebe quotidianamente 1.725.000 jornais e lê regularmente 471.500 publicações periódicas. As despesas com o trabalho cultural e educativo elevam-se actualmente a 230 milhões de rublos em vez de 72 milhões em 1934.

A U.R.S.S. e a questão checo-eslovaca

O que disse Vavreka, ex-ministro sem pasta e ex-ministro da propaganda do governo checo-eslovaco, na alocução radiofundiada em 2 de Outubro e publicada no jornal «Le Temps» de 3-10-38:

«Não podíamos contar com a ajuda da França e da Inglaterra. Por outro lado, tínhamos que ter em conta que a U.R.S.S. está longe e que a sua ajuda chegaria demasiado tarde. Porque, desde o momento em que a França e a Inglaterra fizeram conhecer o seu ponto de vista, já não tínhamos o direito de pôr esperanças no auxílio da Jugoslávia e da Roménia. É fora de toda a dúvida que a grande Rússia dos Soviéticos estaria pronta a entrar em guerra; mas a nossa guerra ao lado da Rússia não seria somente uma guerra contra a Alemanha. Toda a Europa, incluindo a França e a Inglaterra, teria considerado a guerra como uma guerra do comunismo contra a Europa. E talvez a Europa toda tivesse entrado em campanha contra a Rússia e contra nós.»

O que disse o dr. Déer, ex-ministro da justiça do governo checo-eslovaco, também em alocução radiofundiada («Le Temps» de 14 de Outubro de 1938):

«Os nossos aliados ocidentais e outros não somente nos traíram como nos ameaçaram mesmo de acção militar. O ÚNICO ALIADO QUE SE NOS MANTEVE FIEL FOI A UNIÃO SOVIÉTICA. ELA ASSEGUROU-NOS O SEU AUXÍLIO DENTRO DE TODOS OS LIMITES DO POSSÍVEL. Ela manteve os seus compromissos, embora tivesse que contar com a guerra contra a Polónia e a Roménia. Podia acontecer que, em consequência da situação internacional, o Exército Vermelho não chegasse até nós senão ao fim de algumas semanas. Abandonados por aqueles que nos prometeram a sua ajuda e apoiados somente pela Rússia Soviética, a guerra poderia tomar para nós um carácter muito perigoso. A Checo-Eslováquia poderia ser designada como a ponta avançada da Rússia Soviética e os nossos vizinhos, bem como a França e a Inglaterra, considerariam esta guerra como uma guerra do comunismo contra a civilização europeia, e chocaríamos com a hostilidade aberta do ocidente.»

O que disse Atlee («Le Temps» de 5-10-38):

«A Rússia manteve as suas promessas e mentiu-se de maneira bem desavergonhada a este respeito.»

Eis claros e autorizados desmentidos à miserável campanha da imprensa portuguesa enfeudada a Hitler e Mussolini, e às manobras tortuosas da reacção internacional que tenta denegrir a U.R.S.S. contra a clara evidência dos factos. Isto foi cuidadosamente ocultado ao público português. Estas e muitas outras afirmações análogas que nos dispensamos de reproduzir.

O Partido Comunista liberta os seus militantes

Pável, Gomes Pereira, Rodrigo Pinto, Augusto Valdez e Francisco Miguel, cinco militantes de entre os mais activos e dedicados, foram sucessivamente arrancados às garras da policia salazarista. Todos (à excepção de Gomes Pereira, que se encontrava gravemente doente) eram objecto duma especial vigilância por parte da policia, que lhes votava um ódio particular pela attitude exemplar que mantiveram durante os interrogatórios, apesar das torturas a que foram submetidos. Essa vigilância não impediu, porém, que o nosso Partido lhes preparasse a fuga e que voltassem ao campo da luta, pondo ao serviço dos trabalhadores a sua energia e a sua inteligência.

«AVANTE» saúda os camaradas libertados e manifesta o seu regosijo pela vitória que representa para o Partido o regresso desses

Os presos políticos estão ameaçados de morte!

Hoje mais que nunca corre perigo a vida dos milhares de prisioneiros do fascismo salazarista. E hoje mais que nunca também a libertação dos presos anti-fascistas se tornou uma necessidade nacional.

O fascismo utilizará, e está utilizando, contra Portugal as mesmas armas que utilizou na Espanha, na China, na Austria, na Checo-Eslováquia e na Albânia. Uma dessas armas é a chamada «5.ª coluna» — composta por nacionais traidores e por organizações de imigrados alemães e italianos — que prepara a entrada dos exércitos invasores e procura inutilizar qualquer tentativa de resistência.

Em Portugal, vamos encontrar os traidores da 5.ª coluna entre os que, contrariando os interesses e os sentimentos do povo português, ajudaram a estabelecerem-se em Espanha os maiores inimigos da nossa independência nacional: o fascismo franquista, dirigido pelo imperialismo italo-alemão.

Os traidores à nação sabem que nas prisões se encontram esforçados lutadores dispostos a todos os sacrifícios pela independência nacional. Os traidores sabem que entre esses bravos lutadores existem alguns que possuem grandes simpatias populares e com possibilidades de mobilizar as massas na luta contra o invasor.

Por isso os presos e deportados políticos estão ameaçados de massacre. Nisto há mais alguma coisa que simples dedução dos acontecimentos. Há afirmações de pessoas de confiança do salazarismo segundo as quais os presos e deportados políticos SERÃO FUSILADOS EM CASO DE GUERRA. O fascismo alega cinicamente que não quer aquele peso morto na sua rectaguarda.

Por outro lado, a policia de informação, sempre que as familias dos deportados no Tarrafal pedem o regresso dos que já terminaram a pena ou dos que não têm culpa formada, responde que esses deportados não voltarão nunca. QUEM VAI PARA O TARRAFAL NÃO REGRESSA MAIS — dizem os ministros sicários da 5.ª coluna salazarista.

Salazar pretende ir mais longe na sua ajuda ao invasor do que o foram Seiss-Inquart na Austria e Hacha na Checo-Eslováquia. Salazar quer que o invasor não encontre vivo um único chefe popular, um único militante das organizações populares.

Todos os portugueses honestos e amigos do nosso país têm o dever de agir imediatamente em defesa da vida dos anti-fascistas presos à ordem do traidor Salazar.

Libertar os presos políticos e contribuir para a defesa da independência. Arrancá-los das garras dos traidores e permitir-lhes ocuparem os postos que lhes pertencem na luta contra qualquer agressão estrangeira.

Todos devem divulgar a ameaça que pende sobre os prisioneiros de Salazar. Todos devem fazer sentir que esses milhares de portugueses são necessários junto do povo que eles amam e que querem defender da tutela estrangeira.

Para salvar a independência nacional — tão fortemente comprometida pela camarilha salazarista — é indispensável realizar a unidade nacional e esta unidade não pode fazer-se sem a libertação dos anti-fascistas presos.

Avisemos as familias dos prisioneiros de Salazar do crime que se prepara; ensinemo-las a dirigirem-se aos filiados na União Nacional, às associações católicas, às autoridades eclesiásticas, aos oficiais do Exército e da Marinha, etc., para defenderem a vida dos seus.

Ao mesmo tempo, reforçemos o auxílio popular às vítimas de Salazar. Ajudemo-las a conservar a vida que os traidores lhes roubam.

camaradas à actividade.

Assim responde o Partido Comunista à acção da policia de Salazar.

Amigos do Partido

O «AVANTE» recomeça hoje a sua publicação. Quantos esforços, quantos sacrificios custou o seu reaparecimento e custa a sua manutenção, não pode avaliá-lo justamente quem o recebe já pronto através do aparelho do Partido. Ele é, no entanto, para todos, a prova palpável da vitalidade, da resistência, da combatividade e da abnegação do Partido Comunista Português. Mas para que se mantenha, para que melhore, para que possa continuar empunhando a bandeira da luta contra o fascismo, o «AVANTE» necessita do auxílio monetário de todos os seus leitores.

Anti-fascista — operário, camponês, comerciante ou intelectual: contribuir para o «AVANTE» e para o Partido Comunista é uma forma de lutar contra a ditadura salazarista!

Contribuir para o «AVANTE» e para o Partido Comunista é contribuir para a defesa da liberdade, do bem estar e da independência do Povo Português!

É necessário aumentar o número dos amigos do Partido que contribuem regularmente. É necessário cobrir rapidamente as listas da subscrição extraordinária que o Partido acaba de lançar.

Recebimentos diversos:

Lista n.º 34	29,750	Lista n.º 124	11,750
« « 36	47,700	« « 125	12,750
« « 38	30,700	« « 126	23,750
« « 110	36,750	« « 127	24,700
« « 115	27,700	« « 128	41,750
« « 116	27,750	« « 129	34,700
« « 126	73,700	« « 129	41,750
« « 1263	24,750	« « 1280	30,700

Punhos cerrados 50,700
Galan (6 meses) 120,700
Intelectuais estrela 109,700
Uma senhora anti-fascista 10,700

Total 823,700

Numa reunião de comunistas portugueses da região parisiense, após um apelo da camarada Rubina, os camaradas presentes inscreveram-se com 611 francos e 507,700 e dinheiro português. Em devido tempo nos foi enviada essa quantia, bem como mais 31 francos, entregues posteriormente por um camarada português, mas, devido a suspensão do nosso jornal, só agora, já passados bastantes meses, nos é possível tornar público este gesto de solidariedade dos nossos irmãos que labuta a em França.

Bento Gonçalves e José de Sousa, dirigentes queridos do Partido Comunista

Há mais de três anos que Bento Gonçalves e José de Sousa, dirigentes do P.C.P. e do proletariado revolucionário português, se encontram presos.

Há mais de três anos que o Partido Comunista Português sente profundamente a falta dos seus dois dirigentes mais capacitados e mais populares.

Estimulado pelo seu exemplo de abnegação revolucionária e de dedicação à causa do Comunismo, o Partido Comunista tem lutado e continuará lutando pela completa libertação do povo português da opressão fascista.

Estimulado pelo seu exemplo, o Partido Comunista procura conduzir-se no caminho da sua completa bolchevização e saberá conduzir o povo português a uma vida nova, livre e feliz.

Camarada:
O «AVANTE» custa enormes sacrificios. Destruí-lo é um crime.
Envia-o a um amigo, a um conhecido ou a quem entenderes conveniente. Procura por todas as formas aumentar a sua difusão.



A traição do grupo Casado-Miaja

Em 18 de Março de 1936, o Comité Central do Partido Comunista Espanhol publicou em Madrid uma declaração definindo a sua atitude, da qual extrairmos os seguintes períodos: «Pretende-se que os comunistas tentaram revoltar-se contra a República e que, por consequência, é necessário persegui-los. Mas toda a gente sabe que isso é mentira. Produziram-se, efectivamente, revoltas, mas elas não são de modo nenhum obra dos comunistas.

A primeira em data foi a revolta de Cartagena, que se deu na noite de 4 para 5 de Março. Quem lutou contra a insurreição fascista de Cartagena? Foram os comunistas. Quem esmagou a insurreição fascista em Cartagena? Foram forças leais à República, comandadas por um comunista, o coronel Rodriguez, chefe da gloriosa 11.ª divisão, e por um socialista honesto e defensor da unidade; Virgilio Llanos.

A segunda rebelião, a mais grave destes últimos dias, é a do coronel Casado e a da camarilha de homens políticos que lhe deram apoio. Casado, Besteiro e Wenceslau Carrillo, secundados por homens da FAI e por anarquistas cujo passado não é muito claro e cuja qualidade de espanhóis é muito duvidosa, revoltaram-se contra o governo legítimo da República, obrigando-o a abandonar o território da Espanha, apoderando-se do poder pelo embuste e pela violência.

Os comunistas nunca encararam a hipótese de se revoltarem. Revoltar-se em momentos de tal gravidade, quando o povo está em armas contra o fascismo e contra o invasor, é uma traição e um crime. Revoltar-se significa quebrar a unidade do povo, e os comunistas nunca fizeram e não farão nunca seja o que for contra a unidade.

Então porque houve choques entre as forças republicanas e combates em Madrid? Porque os chefes de várias unidades de Madrid, filiados no Partido Comunista, ficaram fiéis ao governo de União Nacional, como era o seu dever. E contra esses chefes fiéis e honrados os homens funestos do «Conselho de Defesa» enviaram outras forças republicanas enganadas com falsas consignas, desencadeando assim uma odiosa guerra civil a alguns quilómetros das trincheiras, manchando as suas suas mãos de assassinos com sangue espanhol.

Diz-se que os comunistas queriam e querem o poder para eles só, afastando todos os outros partidos. Mas quem pode ignorar que a nossa política tendeu sempre a fazer participar no poder todos os partidos e organizações anti-fascistas do país?

Quando os anarquistas e alguns socialistas, ignorando o carácter da nossa guerra e a situação espanhola, queriam eliminar do poder os republicanos e aniquilá-los, os comunistas defenderam os republicanos, do mesmo modo que defenderam os camponeses contra os bandidos que os despojavam, em nome do «comunismo libertário».

Quando foram levantadas objecções contra a entrada no governo de representantes da C.N.T., foi a nossa camarada Pasionária quem em Outubro de 1937, no Parlamento, pediu essa entrada, pela qual o Partido Comunista lutou até a obter.

Quando, por diversas vezes, se dirigiram à direcção do Partido Comunista leaders libertários oferecendo-nos uma aliança a fim de desalojar do poder o Partido Socialista, nós opuzemo-nos sempre a isso.

Não há nenhum partido que, como o Partido Comunista, tenha lutado para que o governo constituísse sempre a representação de todos os partidos, de todo o povo anti-fascista espanhol.

... As infames calúnias trotskistas lançadas hoje contra a União Soviética pelo «Conselho de Defesa» e pelos provocadores que se puzeram ao seu serviço, só suscitam no povo indignação e repugnância.

A União Soviética, o grande povo irmão que vive livre e feliz no país do socialismo, manteve-se durante todo o decurso da guerra

duma maneira desinteressada, porque sabia que combatiamos, como ele combatia, pela liberdade e pela paz. O grande Staline, o chefe do proletariado mundial, proclamou à face do mundo que a causa do povo espanhol era a causa da humanidade progressiva. A Internacional Comunista é a única organização internacional que sempre lutou para vir em nosso auxílio contra as incompreensões, as vacilações e as traições da social-democracia, para obter que todos os proletários, todos os trabalhadores, todos os homens livres e honestos unissem as suas forças para a ajuda à Espanha.

Os nossos combatentes, os nossos aviadores, os nossos tankistas sabem muito bem o que foi o auxílio desinteressado e generoso da União Soviética. Sabe-o o povo de Madrid, que não esquece Novembro de 1936.

As mães espanholas, cujos filhos encontraram na União Soviética o amor duma segunda pátria, sabem-no também.

... A bandeira do «Partido Socialista Obrero de España» — o glorioso partido de Pablo Iglesias, Gonzalez Peña e Negrin — não pode manchar-se de sangue operário, de sangue comunista. Os provocadores da FAI e do Partido Sindicalista não podem falar nem agir em nome das massas operárias da C.N.T. Não há nenhuma ligação entre o ideal libertário e o crime que consiste em assassinar os comunistas para abrir a Franco as portas de Espanha.

... O Partido Comunista não tem a menor responsabilidade nos últimos acontecimentos. Uma vez ao corrente da criação do «Conselho», propôs um último esforço para se chegar a um acordo e salvar a unidade. O «Conselho» rejeitou essa proposta. Oferecemos ao «Conselho» a adesão do Partido, sob a condição de que cessassem todas as perseguições e de que o regresso a uma política de unidade fosse garantido. Os comunistas de Madrid dirigiram-se por duas vezes ao «Conselho» propondo-lhe a cessação da luta e o «Conselho», aceitando essas propostas, não as respeitou depois. Nós tentámos por todos os meios salvar a situação.

... Nós lutámos e continuaremos a lutar pela República, por um regime de liberdade e de democracia que permita ao povo espanhol resolver em paz os seus problemas políticos e económicos.

Nós lutámos e continuaremos a lutar pela unidade da classe operária e do Povo, pela Frente Popular.

A bandeira da unidade, da democracia, da Paz, da Frente Popular, continua a ser a bandeira do Partido Comunista. O Partido Comunista luta e lutará pela unidade nas condições novas e a nossa fé nos destinos da classe operária e da Espanha não morrerá jamais.»

O Partido Comunista Português saudá o Partido irmão, que se cobriu de glória e prestígio nestes dois anos e meio de guerra.

Madrid foi entregue! A cidade invencível das jornadas heróicas de Novembro de 1936 foi traída! Mas o fascismo internacional não pôde conquistar Madrid. Teve de comprá-la aos traidores, para poderem ali entrar as horas que o povo madrilenho derrotara repetidas vezes.

O povo espanhol sangra sob o terror franquista, mas a chama da Revolução jamais se apagará em Espanha. Os próprios correspondentes fascistas dos jornais portugueses reconhecem que no olhar de cada trabalhador transparece um ódio mortal contra o opressor, e os colaboradores de Franco confessam aos seus amigos que «há hoje mais "vermelhos" em Espanha que em Julho de 1936».

O povo espanhol viveu já horas de emancipação, conhece por experiência própria a diferença entre o fascismo e a democracia popular, sentiu e sente as duras provações da dominação estrangeira e os horrores da guerra. O fruto destas lições não se fará esperar. Mais forte, mais resolutivo, mais tempe-

A entrada das tropas nazis em Praga

Do jornal reacccionário francês «Le Temps» de 4-4-39:

«O primeiro cuidado dos soldados alemães, depois de se instalarem em Praga, foi tratar de informar-se sobre as «desordens comunistas», com as quais o governo de Berlim julgara necessário justificar aos olhos dos seus próprios soldados a sua intervenção militar contra um país sem defesa. Grande foi a surpresa desses soldados ao saberem que nada, absolutamente nada, se tinha passado. Uma testemunha ocular contou-nos como tinham entrado numa pequena cidade da fronteira as autometalhadoras da «Reichswehr»: os homens vinham com o rosto crispado; com o dedo no gatilho das armas, esperavam ser acolhidos por rajadas de balas «comunistas».

Os alemães de boa fé do exército de ocupação terão compreendido que lhes mentiram?

... Começaram os suicídios. O seu número será algum dia conhecido, mesmo aproximadamente? Cirurgiões, industriais, empregados — quasi todos judeus — lançaram-se das janelas dos seus aposentos à rua. Uma família de cinco pessoas morreu assim esmagada na calçada, tendo os pais tido a horrorosa coragem de precipitar os seus três filhos no vácuo antes de se atirarem eles próprios.

... Começaram também as prisões. A Gestapo, logo nos primeiros dias, encarcerou centenas ou talvez milhares de pessoas.»

Os nazis já não distinguem Portugal da Espanha.

No suplemento militar da «Boersen Zeitung» de 13 de Abril, o coronel alemão von Xilander discorre largamente sobre o valor militar da Espanha e suas colónias. Entre estas inclui as ilhas de Cabo Verde, que considera como uma excelente base naval a aproveitar.

Seguros da cumplicidade de Salazar, os dirigentes militares alemães pensam dispor à vontade das nossas colónias como se elas fôsem... espanholas.

Na Espanha franquista

A notícia seguinte, publicada no «Temps» de 25 de Abril, dá bem a «deia da repressão feroz que campeia em Espanha e da «popularedade» do regime franquista:

«Os jornais de Barcelona publicam a lista dos professores primários da província que são mantidos nos seus postos depois da primeira depuração. DE 2.250 MESTRE-ESCOLAS, 132 CONTINUAM A EXERCER AS SUAS FUNÇÕES.»

O povo francês aprova a política do Partido Comunista.

Os últimos acontecimentos vieram confirmar as previsões dos comunistas e comprovar a justeza da sua posição política.

Por isso o povo francês tem manifestado o seu apoio ao Partido Comunista nas eleições parciais realizadas nas últimas semanas. Em Saint-Brieuc, o candidato comunista, que obteve 651 votos em 1936, obteve agora 858; em Angoulême, a votação do candidato comunista passou de 2.970 em Maio de 1936 a 4.868 em Abril de 1939; em Clamart (Sena), a lista comunista de conselheiros municipais foi eleita na sua totalidade; finalmente, em Montluçon, o camarada Jardon foi eleito deputado por 9.849 votos contra 6.157 que obteve o candidato radical.

Com a eleição de Jardon, o número de deputados comunistas no Parlamento francês passa de 73 para 74.

... O povo espanhol varrerá definitivamente do seu país traidores e invasores.

Na vanguarda desse povo heróico, o P.C. Espanhol lutou com entusiasmo e abnegação inigualáveis; ele saberá conduzir a Espanha à libertação, à Paz e à prosperidade.